

O Carnaval do ditador, do soldado e do boi tolo



HUGO GONÇALVES

Escritor e jornalista

1 Depois de conseguir que a Guiné Equatorial entrasse para a Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa, Teodoro Obiang, ditador há 35 anos, terceiro governante mais rico de África, mostrou a sua boa-fé quanto a fazer parte da cultura lusófona: o seu governo terá doado entre 1,5 e três milhões de euros à escola de samba Beija-Flor, para desenvolver o enredo “O despontar da Guiné Equatorial” – a escola ganhou o desfile, e os boatos de corrupção começaram de imediato.

Enquanto isso, a comitiva da Guiné Equatorial ocupava dois pisos do hotel Copacabana Palace, desfrutando dos serviços e pagando os preços cinco estrelas, que contrastam com a vida do guineense comum. É que, além dos alertas de organizações como a Amnistia Internacional, que denunciam torturas e execuções, metade da população não tem acesso a água potável nem beneficia dos dividendos da exploração do gás e do petróleo. O Senado americano, após investigação, concluiu que a família do ditador recebeu grandes quantias de dinheiro de petrolíferas estrangeiras.

Nem a Beija-Flor nem o governo da Guiné Equatorial confirmam a “compra” do enredo deste ano, mas, tendo em conta as partes envolvidas, não seria uma surpresa que a escolha do tema fosse um mero negócio. Se Obiang não tem as mãos limpas, tampouco têm as escolas de samba, tantas vezes financiadas pela máfia do jogo do bicho e do tráfico de droga. Tendo em conta este entusiasmo lusófono de Obiang, quem sabe, brevemente, o ditador não patrocina a procissão dos tabuleiros de Tomar ou rancho folclórico da Casa do Povo de Angeja.

2 Jonathan é um israelita que, após três anos de serviço militar obrigatório, veio passar o Carnaval ao Rio de Janeiro, aproveitando a hospitalidade dos primos brasileiros. Trouxe amigos, também eles ex-soldados. Ficaram ensandecidos com a festa. Passaram as noites na Lapa e os dias em blocos. Quando a prima carioca lhes disse para despirem as *T-shirts*, como os locais, hesitaram, mas acabaram em

tronco nu, e tiraram a barriga de mi-sérias. Para que a experiência fosse completa, também foram roubados.

Jonathan tem 21 anos, já combateu uma guerra, e, ao chegar a casa dos primos, certa tarde, estava incrédulo: “Ela veio até mim, não disse nada, beijou-me e foi-se embora. Isso é normal?”

Os primos riram-se. Claro que é.

O escritor Nelson Motta escreveu, num dos seus livros, que as pessoas saem à noite para se comerem. Ora, essa regra, multiplicada por mil, aplica-se ao Carnaval. Não digo que seja a única motivação da festa, mas basta meter um pé num bloco de rua para perceber “o clima de pegação”. Com tantos rapazes musculados, em troco nu, parece que a cidade é uma audição para o filme *300*. Há máscaras engenhosas – um grupo de amigos ia de tsunami e outro de comboio de montanha-russa –, mas a maioria envolve caubóis, legionários e piratas que parecem *stripers* masculinos. Para elas, os acessórios como orelhas de coelhinha, chapéus de polícia e minissaia de tule são bastante populares.

Jonathan e os amigos deviam partir para a Bolívia depois do Carnaval, mas, quando a prima lhes perguntou a data do voo, eles, que até há pouco tempo viviam em casernas e andavam fardados, disseram: “Ainda não marcamos nada, vamos ficar mais uns dias pelo Rio.”

3 Em 1936, Le Corbusier, famoso arquiteto suíço, saiu de Frankfurt e atravessou o Atlântico de zepelim. Era a segunda vez que estava no Rio – na primeira, tivera um caso com a cantora Josephine Baker. Ia colaborar com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, jovens arquitetos, responsáveis pelo projeto do novo Ministério da Educação e Cultura. Hoje, conhecido como Palácio Capanema, foi o primeiro edifício modernista do mundo. E abriria caminho para a construção de Brasília.

Reza a lenda carnavalesca (tão carioca) que o bloco Boi Tolo começou quando um grupo chegou atrasado ao bloco Boi Tatá, que já tinha partido. Desde então, o Boi Tolo desfila pelo Centro e termina o seu percurso no Palácio Capanema.

Hoje, o sonho dos três arquitetos – construir um edifício que fosse amplamente usado pela população, em sintonia com a cultura local – concretiza-se todos os Carnavais quando, na sombra da pala gigante imaginada por Costa, Niemeyer e Le Corbusier, diante de um fenomenal painel de azulejos de Portinari, a percussão ecoa nos pilotis e centenas de corpos não param de dançar.